

CARTA DO PAPA FRANCISCO POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DA PROMULGAÇÃO DA CARTA APOSTÓLICA “MAXIMUM ILLUD”

Ao Venerado Irmão Cardeal Fernando Filoni
Prefeito da Congregação
para a Evangelização dos Povos

No dia 30 de novembro de 2019, ocorrerá o centenário da promulgação da Carta Apostólica *Maximum illud*, com a qual Bento XV quis dar novo impulso à responsabilidade missionária de anunciar o Evangelho. Estávamos no ano de 1919! Terminado um conflito mundial terrível, que ele mesmo definiu «massacre inútil»[1], o Papa sentiu necessidade de requalificar evangelicamente a missão no mundo, purificando-a de qualquer incrustação colonial e preservando-a daquelas ambições nacionalistas e expansionistas que causaram tantos revés. «A Igreja de Deus é universal – escrevia –, nenhum povo lhe é estranho»[2], exortando ele também a rejeitar qualquer forma de interesses, já que só o anúncio e a caridade do Senhor Jesus, difundidos com a santidade da vida e as boas obras, constituem o motivo da missão. Assim Bento XV deu um particular impulso à *missio ad gentes*, esforçando-se, com os meios concetuais e comunicativos de então, por despertar, especialmente no clero, a consciência do dever missionário.

Este dá resposta ao perene convite de Jesus: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda criatura» (Mc 16, 15). Aderir a este mandato do Senhor não é opcional para a Igreja; é uma «obrigação» que lhe incumbe, como recordou o Concílio Vaticano II [3], pois a Igreja «é, por sua natureza, missionária»[4]. «Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar»[5]. A fim de corresponder a tal identidade e proclamar Jesus crucificado e ressuscitado por todos, como Salvador vivente, Misericórdia que salva, «a Igreja, movida pelo Espírito Santo, deve – afirma também o Concílio – seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até à morte»[6], de modo que comunique realmente o Senhor, «modelo da humanidade renovada e imbuída de fraterno amor, sinceridade e espírito de paz, à qual todos aspiram»[7].

Aquilo que há quase cem anos Bento XV tinha a peito e que o documento conciliar nos está a recordar há mais de cinquenta anos, permanece plenamente atual. Hoje, como então, «enviada por Cristo a manifestar e a comunicar a todos os homens e povos a caridade de Deus, a Igreja reconhece que tem de levar a cabo uma ingente obra missionária»[8]. A propósito, São João Paulo II observou que «a missão de Cristo redentor, confiada à Igreja, está ainda bem longe do seu pleno cumprimento» e que «uma visão de conjunto da humanidade mostra que tal missão está ainda no começo, e que devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço»[9]. Por isso ele, com palavras que eu gostaria agora de repropor a todos, exortou a Igreja a um «renovado empenhamento missionário», convicto de que «a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É dando a fé que ela se fortalece! A nova evangelização dos povos cristãos também encontrará inspiração e apoio, no empenho pela missão universal»[10].

Ao recolher na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* os frutos da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, convocada para refletir sobre a nova evangelização para a transmissão da fé cristã, quis apresentar de novo a toda a Igreja a mesma impelente vocação: «João Paulo II convidou-nos a reconhecer que “não se pode perder a tensão para o anúncio” àqueles que estão longe de Cristo, “porque esta é a tarefa primária da Igreja”. A atividade missionária “ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja” e “a causa missionária deve ser (...) a primeira de todas as causas”. Que sucederia se tomássemos realmente a sério estas palavras? Simplesmente reconheceríamos que a acção missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja».[11]

E tudo aquilo que pretendia expressar continua ainda a parecer-me inadiável: «possei um significado programático e tem consequências importantes. Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e

missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma “simples administração”. Constituíamo-nos em “estado permanente de missão”, em todas as regiões da terra»[12]. Com confiança em Deus e muita coragem, não temamos empreender «uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à auto-preservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceânia, “toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial”»[13].

Com espírito profético e ousadia evangélica, a Carta Apostólica *Maximum illud* exortara a sair das fronteiras das nações, para testemunhar a vontade salvífica de Deus através da missão universal da Igreja. A aproximação do seu centenário sirva de estímulo para superar a tentação frequente que se esconde por detrás de cada introversão eclesial, de todo o fechamento autorreferencial nas próprias fronteiras seguras, de qualquer forma de pessimismo pastoral, de toda a estéril nostalgia do passado, para, em vez disso, nos abirmos à jubilosa novidade do Evangelho. Também nestes nossos dias, dilacerados pelas tragédias da guerra e insidiados pela funesta vontade de acentuar as diferenças e fomentar os conflitos, seja levada a todos, com renovado ardor, e infunda confiança e esperança a Boa Nova de que, em Jesus, o perdão vence o pecado, a vida derrota a morte e o medo e triunfa sobre a angústia.

Com estes sentimentos, acolhendo a proposta da Congregação para a Evangelização dos Povos, proclamo outubro de 2019 como Mês Missionário Extraordinário, com o objetivo de despertar em medida maior a consciência da *missio ad gentes* e retomar com novo impulso a transformação missionária da vida e da pastoral. Poder-nos-emos preparar convenientemente para ele já através do mês missionário de outubro do próximo ano, de modo que todos os fiéis tenham verdadeiramente a peito o anúncio do Evangelho e a transformação das suas comunidades em realidades missionárias e evangelizadoras; e aumente o amor pela missão, que «é uma paixão por Jesus e, simultaneamente, uma paixão pelo seu povo»[14].

A ti, venerado Irmão, ao Dicastério a que presides e às Pontifícias Obras Missionárias, confio a tarefa de pôr em marcha a preparação deste acontecimento, especialmente através duma ampla sensibilização das Igrejas Particulares, dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, bem como das associações, movimentos, comunidades e outras realidades eclesiais. Que o Mês Missionário Extraordinário se torne uma ocasião de graça intensa e fecunda para promover iniciativas e intensificar de modo particular a oração – alma de toda a missão –, o anúncio do Evangelho, a reflexão bíblica e teológica sobre a missão, as obras de caridade cristã e as ações concretas de colaboração e solidariedade entre as Igrejas, de modo que se desperte e jamais nos seja roubado o entusiasmo missionário[15].

*Do Vaticano, no dia 22 de outubro – XXIX
Domingo do Tempo Ordinário,
Memória de São João Paulo II,
Dia Mundial das Missões –
do ano de 2017.*

FRANCISCUS

NOTAS

- [1] Carta aos Chefes de Estado dos povos beligerantes (1/VIII/1917): AAS 9 (1917), 421-423.
[2] Bento XV, Carta ap. *Maximum illud* (30/XI/1919): AAS 11 (1919), 445.
[3] Decreto sobre a atividade missionária da Igreja *Ad gentes* (7/X/1965), 7: AAS 58 (1966), 955.
[4] *Ibid.*, 2: AAS 58 (1966), 948.
[5] Paulo VI, Exort. ap. *Evangelii nuntiandi* (8/XII/1975), 14: AAS 68 (1976), 13.
[6] *Deer. Ad gentes*, 5: AAS 58 (1966), 952.
[7] *Ibid.*, 8: AAS 58 (1966), 956-957.
[8] *Ibid.*, 10: AAS 58 (1966), 959.
[9] Carta enc. *Redemptoris missio* (7/XII/1990), 1: AAS 83 (1991), 249.
[10] *Ibid.*, 2: AAS 83 (1991), 250-251.
[11] Exort. ap. *Evangelii gaudium* (24/XI/2013), 15: AAS 105 (2013), 1026.
[12] *Ibid.*, 25: AAS 105 (2013), 1030.
[13] *Ibid.*, 27: AAS 105 (2013), 1031.
[14] *Ibid.*, 268: AAS 105 (2013), 1128.
[15] Cf. *Ibid.*, 80: AAS 105 (2013), 1053.

**Carta Apostólica de Bento XV *Maximum Illud*,
Sobre a atividade desenvolvida pelos missionários no mundo***
30 de novembro de 1919

A grande e sublime missão que, ao regressar ao Pai, Nosso Senhor Jesus Cristo confiou aos seus discípulos quando lhes disse: “ide por todo o mundo e anunciai o Evangelho a todas as criaturas”(1), não podia terminar com a morte dos Apóstolos mas devia continuar, através dos seus sucessores, até ao fim dos tempos, isto é, enquanto existirem na terra pessoas para salvar pelo ensino da verdade.

Na realidade, desde esse dia que “eles foram e anunciaram por toda a parte”(2) de tal modo que a “sua voz se espalhou por toda a terra e as suas palavras até aos confins do mundo”(3). A Igreja de Deus, fiel ao mandato divino, nunca deixou, através dos tempos, de enviar a todo o mundo ministros da palavra divina que anunciassem a salvação eterna alcançada por Cristo para o género humano.

Mesmo durante os três primeiros séculos do cristianismo, quando a fúria das perseguições desencadeadas pelo inimigo, inundava de sangue a Igreja nascente, a voz do evangelho foi proclamada em todo o Império Romano.

Quando posteriormente foi concedida a paz e a liberdade à Igreja, foram ainda maiores os progressos alcançados no Apostolado em todo o mundo, sobretudo pelas mãos de pessoas que se distinguiam pelo zelo e santidade. Nessa época, Gregório, o Iluminador, levou a Arménia até à fé cristã; Vitorino, a Estíria; Frumêncio, a Etiópia; Patrício converteu os Irlandeses ao cristianismo; Agostinho converteu os ingleses; Colomba e Palladio, os escoceses; Clemente Willibrord (primeiro Bispo de Utrecht), evangelizou a Holanda; Bonifácio e Anscário, a Alemanha; Círiilo e Metódio, os eslavos. Alargando o horizonte, Guilherme de Rubruquis levou o evangelho à Mongólia, o Beato Gregório X enviou missionários para a China e os franciscanos estabeleceram lá um cristianismo jovem, que em seguida foi arrasado pela tempestade da perseguição.

Depois da descoberta da América, uma multidão de apóstolos, entre os quais recordamos principalmente Bartolomeu de Las Casas (distinto dominicano), consagraram-se à proteção dos indígenas, contrariamente à tirania humana, com a finalidade de os libertar da dura escravidão do demónio.

Na mesma época S. Francisco Xavier, digno de ser comparado aos Apóstolos, depois de tantos trabalhos na Índia Oriental e no Japão, morreu às portas do Império Chinês (onde desejava chegar), quase conseguindo, com a sua morte, o caminho para uma nova evangelização daquelas regiões, onde depois tantas ordens religiosas e institutos missionários exerceram o apostolado no meio de grandes dificuldades.

Finalmente a Austrália, o último continente a ser descoberto, e ao mesmo tempo os territórios da África central, receberam também anunciadores da fé cristã; e no imenso oceano Pacífico também todas as ilhas, mesmo as mais isoladas, foram alcançadas pelo zelo dos nossos Missionários. Muitos destes, desejando a salvação dos irmãos, a exemplo dos Apóstolos, alcançaram o máximo da perfeição. Muitos outros, coroaram o seu apostolado com o martírio e selaram a sua fé com o sangue.

Na verdade, é motivo de grande admiração constatar que, depois de tantos sofrimentos associados ao anúncio da fé, depois de tantos trabalhos e exemplos de fortaleza, são ainda muitos os que permanecem nas trevas e nas sombras da morte e que, segundo as mais recentes estatísticas, somam um bilião.

Nesse sentido, por compaixão e dever apostólico, querendo fazê-los participantes da redenção divina, vemos com grande alegria e consolação que, sob a orientação do Espírito de Deus, cada dia aumentam mais, em várias partes da cristandade, o zelo dos bons, na promoção e desenvolvimento das missões no meio dos povos. Para confirmar este movimento e dar-lhe um vigoroso impulso em todo o mundo, como devemos e desejamos, nós, depois de termos implorado insistentemente a luz e a ajuda do Senhor, enviamo-vos, caríssimos irmãos, esta carta para que vos entusiasme, ao vosso clero e aos povos que vos estão confiados, e vos indique de que modo podeis contribuir para esta santa causa.

Antes de mais dirigimo-nos àqueles que, na qualidade de Bispos, Vigários ou Prefeitos Apostólicos, presidem às Sagradas Missões. Desses depende diretamente a propagação da fé e é nesses que a Igreja coloca a esperança na sua maior expansão. Acreditamos que neles esteja muito vivo esse espírito de apostolado. São conhecidas

* Tradução para ser utilizada pastoralmente. Para uma tradução mais próxima à linguagem original veja-se http://w2.vatican.va/content/benedict-xv/it/apost_letters.index.html#apost_letters

as grandes dificuldades que tiveram de superar e as árduas provações que sofreram, sobretudo nos últimos anos, não só para não perder as posições adquiridas mas também para dilatar ainda mais o reino de Deus. Conhecendo a sua união e a sua filial união com esta Sede Apostólica, abrimos-lhes o coração com plena confiança, como fazem os pais com os seus filhos.

Pensemos primeiramente que esses, como se diz, devem ser a alma da sua Missão. Por essa razão, sejam zelosos e de exemplar edificação para com os seus sacerdotes e cooperadores, exortando-os a encorajando-os a um bem sempre maior. Os que de qualquer modo trabalham nesta vinha do Senhor, devem perceber, experimentar e até sentir que encontram nos superiores o verdadeiro pai, vigilante, diligente, repleto de atenção e de caridade, que tudo e todos abraçam afectuosamente, partilhando com eles as alegrias e dores, confirmando e promovendo todas as boas iniciativas e, numa palavra, consideram como seus todos aqueles que lhes pertencem.

O destino de uma Missão depende, pode dizer-se, do modo como é dirigida: por isso, pode ser danosa a não idoneidade dos que a governam. Na verdade, quem se consagra ao apostolado das missões, abandona a pátria, a família e amigos; aventura-se frequentemente numa viagem grande e perigosa, disposto a suportar qualquer sofrimento afim de ganhar mais pessoas para Cristo. Se esses têm um superior que os assistem em todas as circunstâncias com sincera caridade, não há dúvida que a obra será frutuosa; de outro modo, provavelmente ficará aos poucos abatido pelas contrariedades, terminará resignando-se ao desespero e à inactividade.

Além disso, quem preside a uma Missão deve procurar dar-lhe o máximo incentivo e desenvolvimento. Tendo-lhe sido confiado todo o território da sua Missão, claramente ele deverá responder pela salvação de todos os habitantes daquela região. Por essa razão não se deve contentar em ter conquistado para a fé, entre aquela multidão, algumas milhares de pessoas: procure cultivar e manter aqueles que ofereceu a Jesus Cristo, de maneira que ninguém regresse ao caminho da perdição. Não acredite ter conseguido completar o seu dever se antes não tiver colocado todas as suas forças na cristianização também dos restantes que não conhecem Cristo, que é a missão maior.

Por isso, para facilitar sempre mais a pregação do Evangelho, será de grande ajuda a criação de novos centros e nova cristianização que depois darão lugar, por sua vez, de novos vicariatos e prefeituras, quando se julgue oportuno de subdividir essa Missão. A este propósito, elogiamos aqueles Vicariatos Apostólicos que, assim fazendo, contribuíram para o desenvolvimento do Reino de Deus que, mesmo

quando não encontram novos cooperadores na sua própria Ordem, agradavelmente acolhem outras famílias religiosas.

Pelo contrário, seria reprovável aqueles a quem foi confiada a Vinha do Senhor, a considerasse m como propriedade exclusiva, com inveja que outros a assumam. Que grande responsabilidade teria de assumir diante do eterno juiz, sobretudo se a sua pequena comunidade cristã – como acontece frequentemente – quase perdida no meio de uma multidão e não tendo efetivos suficientes para a catequização, se obstinasse a não pedir ajuda a outros colaboradores!

Pelo contrário, se há necessidade, o superior da Missão (que deve ser diligente na glória de Deus e na salvação das almas), chame cooperadores de qualquer lado que ajudem no seu ministério, sem se importar com a Orem ou a nacionalidade, “para que de qualquer modo seja anunciado Cristo”(4); chame não somente cooperadores mas também cooperadoras para as escolas, orfanatos, lares, hospitais, convicto que todas estas obras de caridade são um meio muito eficaz nas mãos da providência divina para a propagação da fé.

Para além disso, o superior da Missão não restringe a sua ação ao seu território, desconsiderando o que acontece fora: quando for exigido pelo amor de Cristo e pela Sua glória – a única coisa que verdadeiramente interessa – procure estar em relação com os companheiros que estão ao lado, até porque há muitas vezes interesses comuns a uma região, que não poderão ser bem atendidos sem um comum acordo.

É muito vantajoso para a religião que os responsáveis das Missões, podendo, tenham periodicamente reuniões para se aconselharem e encorajarem mutuamente.

Por fim, quem preside à Missão deve endereçar as suas principais forças na boa formação do clero indígena, sobre os quais repousam as maiores esperanças nas novas comunidades cristãs. O sacerdote indígena, tendo a cultura dos seus concidadãos, a natureza, a mentalidade e as aspirações, está superiormente preparado para fomentar a fé nos seus corações, já que mais do que ninguém conhece os caminhos certos para os persuadir. Acontece frequentemente que eles conseguem chegar com maior facilidade onde o missionário estrangeiro não consegue.

No sentido de conseguir os frutos esperados, é absolutamente necessário que o clero indígena seja convenientemente instruído e educado. Não é suficiente uma formação rudimentar para poder ser admitido ao sacerdócio mas esta deve ser completa e perfeita, à imagem dos sacerdotes das nações mais desenvolvidas. Em suma, não se deve formar um clero indígena como se fossem de classe inferior,

usado para as tarefas secundárias, mas de um nível que se encontre à altura do seu ministério para que um dia possam assumir o governo da comunidade cristã. A Igreja é universal e, por isso, nunca é estranha a qualquer lugar: é conveniente que em cada nação existam sacerdotes capazes de apontar aos seus concidadãos, como mestres e guias, para a salvação eterna.

Onde exista uma quantidade suficiente de clero indígena bem formado e digno da vocação, então aí a Igreja poderá assumir-se como bem fundada e completa a obra do Missionário. E se essa Igreja tiver de suportar futuramente a perseguição, não teríamos de temer que, com aqueles fundamentos e com aquelas raízes, essa sucumbisse aos assaltos do inimigo.

Na verdade, a Sé Apostólica insistiu sempre que esta tarefa fundamental fosse bem entendida pelos superiores da Missão e levado a cabo com todo o esforço: são prova disso os antigos e novos colégios fundados nesta cidade para a formação dos clérigos de nações estrangeiras, sobretudo os de rito oriental.

Apesar disso, ainda existem - infelizmente - regiões em que, mesmo que a fé católica esteja implantada há séculos, somente se encontra um clero indígena decadente. Do mesmo modo, existem muito poucos que tendo atingido um alto grau de civilização a ponto de poder apresentar homens admiráveis em vários ramos da indústria e da ciência e ainda assim, mesmo sob a influência do Evangelho e da Igreja, ainda não têm Bispos próprios que os governem, nem sacerdotes com capacidade de guiar os seus concidadãos. Isto demonstra que na educação do clero destinado às Missões se continuam a usar métodos frágeis e deficientes.

Prevenindo tal inconveniente, queremos que a Sagrada Congregação da Propaganda da Fé tome medidas e disposições adaptadas para as várias regiões; que se interesse pela fundação de seminários regionais ou inter-diocesanos; vigiem de modo particular a formação do clero nos Vicariatos e nas diversas Missões.

Agora dirigimo-nos a vós, queridos Filhos, que cultivais a vinha do Senhor, dos quais depende diretamente a propagação da verdade cristã e a salvação de tantas pessoas.

Antes de mais é necessário que tenhais uma grande estima pela grandeza da vossa vocação. Tende em conta que a tarefa que vos está confiada é absolutamente divina e está para além dos pequenos interesses humanos, porque trazeis para a luz quem jaz nas sombras da morte e abris as portas do céu a quem está a caminhar para o abismo.

Considerando que a cada um de vós o Senhor vos diz: "Esquece-te do teu povo e da casa do teu pai"

(5), recordai-vos que não deveis difundir um reino dos homens mas o reino de Cristo; não vos compete acrescentar pessoas para a pátria terrena mas para a pátria celeste.

Disto se conclui que seria deplorável que existissem Missionários que se esquecessem da sua própria dignidade e pensassem mais na pátria terrestre que na pátria celeste; que fossem mais preocupados na dilatação do seu poder e da sua glória. Seria uma das mais tristes chagas do apostolado, que paralisaria o zelo do Missionário e diminuiria a autoridade aos olhos dos indígenas. Estes, na verdade, embora grosseiros, compreendem aquilo que busca o Missionário e o que ambiciona deles; conhecem, à distância, se ele tem outras intenções para além do seu bem espiritual.

Imaginemos que ele não abandona essas intenções humanas e não se comporte plenamente como um verdadeiro homem apostólico, mas que dê a entender interesses da sua própria pátria. Obviamente que todo o seu trabalho será visto pela população com suspeita; esses facilmente serão induzidos a acreditar que a religião cristã é a religião de um determinado país e que a adesão a ela seria colocar-se na dependência de um estado exterior, renunciando assim à sua nacionalidade.

Na verdade, encontram-se infelizmente em certas revistas de Missões, surgidas ultimamente, um evidente desejo de alargar a influência da sua própria pátria, mais do que o zelo pelo reino de Deus. É de espantar que daí não surja nenhuma preocupação pelo grave perigo de afastar os pagãos da nossa religião.

Não é assim o missionário católico digno desse nome. Não se pode esquecer que não é enviado pela sua pátria mas por Cristo; comporta-se, portanto, de modo a que cada um possa reconhecer indubitavelmente nele um ministro daquela religião que, abraçando todas as pessoas que adoram Deus em espírito e verdade, não é estrangeira a nenhuma nação e onde não há "grego ou judeu, circunciso ou incircuncisão, bárbaro ou cita, escravo ou livre, mas Cristo em todos"(6).

Um outro grande problema que o Missionário deve ter em atenção é procurar outros ganhos que não sejam os das almas. Quanto a este assunto não vale a pena gastarmos muitas palavras. Como poderia aquele que é ávido de dinheiro procurar única e convenientemente a glória de Deus, como é seu dever e, para promove-la, salvando o seu próximo, estar pronto a sacrificar tudo o que tem inclusive a própria vida? Acrescente-se que ele dessa maneira viria a perder a sua autoridade e o seu prestígio juntos dos infiéis, sobretudo se esta obsessão pelo lucro, como facilmente acontece, se tornasse avareza. Nada mais do que estes sórdido

vício é desprezível à vista dos homens e, ainda mais, inconveniente ao reino de Deus.

O bom pregador do Evangelho, por outro lado, deve imitar também nisto o Apóstolo dos gentios, que não só disse a Timóteo: “Se temos comida e com que nos cobrirmos, contentemo-nos com isso”(7) mas levou o desapego ao ponto de, mesmo no meio de tantas atividades do seu ministério, ganhar o alimento com o trabalho das suas mãos.

Daí que, antes de iniciar o seu apostolado, o Missionário deve ter uma cuidadosa preparação. Poder-se-ia pensar que não há necessidade de tanta ciência para quem vai para pregar Cristo a povos não civilizados. Mesmo que seja verdadeiro que para converter e salvar é muito mais eficaz as virtudes que o saber. Contudo, se o missionário não se muniu primeiramente de uma certa solidez de conhecimentos, dar-se-ia conta que lhe faltava consistência para ser bem sucedido no seu ministério. É frequente que o Missionário se encontre sem livros e sem a possibilidade de consultar alguma pessoa mais experiente; e que, mesmo assim, deva responder às objeções contra a fé e resolver questões difíceis e outros problemas. Quanto mais ele for instruído maior será a estima de que gozará entre os povos. Frequentemente também se encontrará no meio de povos que apreciam o estudo e o saber. Seria inconveniente que os pregadores da verdade fossem inferiores aos ministros do erro.

Portanto, enquanto os seminaristas - chamados por Deus - são preparados convenientemente para as Missões, devem ser instruídos em todas as disciplinas (sagradas ou profanas) que interessem ao Missionário. E isto deve ser feito com todo o cuidado no Colégio Pontifício da Propaganda da Fé; ordenamos também que nesses, de agora em diante, seja disponibilizado um ensinamento de todos os assuntos atinentes às Missões.

A primeira coisa que o missionário deve conhecer é a língua do povo ao qual está dedicado. Não basta que tenham algum conhecimento mas é necessário que a saiba falar corretamente e com fluência. Na verdade ele é dirigido a toda a espécie de pessoas tanto letradas como a não letradas. Naturalmente, é mais fácil a alguém que fale bem a língua do povo conseguir o estima de todos.

Em relação à explicação da doutrina cristã, o Missionário diligente não deve confia-la aos catequistas mas tenha-a para si como o seu próprio trabalho, como a sua principal obrigação, sabendo que a pregação do Evangelho é o seu principal ministério.

Às vezes pode acontecer que, como ministro e representante da religião, ele deva comparecer diante das autoridades do país, ou seja convidado para qualquer reunião de sábios. Como poderia

sustentar o seu nível se, por ignorância da língua, não soubesse exprimir os seus pensamentos?

Foi por isso que, para desenvolver as Igrejas do Oriente, fundamos em Roma um Instituto especial para que aqueles que farão apostolado naquelas regiões consigam ser bem instruídos em todos os assuntos, mas especialmente no conhecimento das línguas e dos costumes do Oriente. Achando que este Instituto é de grande utilidade, aproveitamos esta ocasião para exortar todos os Superiores das Ordens e das Famílias Religiosas às quais estão confiadas Missões no Oriente, de que mandem para aí os seus alunos, destinados às mesmas Missões, afim de que adquiram uma cultura sólida.

Para aqueles que se preparam para o apostolado, é indispensável – como dissemos – a santidade de vida. É necessário que aquele que prega Deus seja homem de Deus; e tenha ódio ao pecado aquele ensina o ódio ao pecado. Especialmente juntos dos pagãos, que são guiados mais pelo instinto que pela razão, é muito mais proveitosa a pregação do exemplo que a pregação da palavra. Ainda que o Missionário seja dos mais dotados de mente e de coração (por ser completo na doutrina e cultura), se estas qualidades não são condizentes com uma vida santa, quase nenhuma ou mesmo nenhuma eficácia terão essas qualidades para a salvação dos povos; pior, na maioria das vezes causarão dano a si mesmo e aos outros.

Por isso, o Missionário seja exemplarmente humilde, obediente e casto: seja especialmente piedoso, dedicado à oração em contínua união com Deus, intercedendo junto de Deus pelas causas das almas. Quanto mais próximo de Deus, tanto mais será concedida a graça do Senhor. Escute a exortação do Apóstolo: “ revesti-vos, como amados de Deus, santos e eleitos, dos sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência” (8). Removidos todos os obstáculos com a ajuda destas virtudes, é fácil e espontâneo o acesso à verdade nos corações dos homens; não existe vontade férrea que possa resistir.

Portanto, o Missionário que, à imitação do Senhor Jesus, cheio de caridade, reconhecendo como filhos de Deus também os mais afastados, redimidos pelo mesmo sangue, não se irrita pela sua aspereza, não desanima perante a perversidade dos seus costumes, não os despreza ou desdenha, não os trata com rudeza mas procura atraí-los com toda a ternura da bondade cristã, para conduzi-los um dia ao abraço de Cristo, o Bom Pastor.

Nesse sentido ele deve meditar na passagem da Sagrada Escritura: “O teu espírito incorruptível está em todas as coisas! Por isso, pouco a pouco corriges os que caem, os repreendes e lhes recordas o seu pecado, para que se afastem do mal e creiam em ti, Senhor... Mas Tu, que dominas a tua força, julgas com bondade e nos governas com grande indulgência, pois podes usar o teu poder

quando quiseres” (9). Que adversidade, travessia ou perigosa contingência poderá desencorajar um tal mensageiro de Jesus Cristo? Nenhuma. Reconhecido perante Deus que o chamou para uma missão tão sublime, ele está disposto a tudo, a tolerar generosamente as dificuldades, os insultos, a fome, as privações, a própria morte mais cruel, somente para resgatar uma só alma.

O Missionário com esta compreensão e propósito, seguindo o exemplo de Cristo e dos Apóstolos, prepara-se confiadamente para exercer o seu mandato: mas recorde-se de colocar a sua confiança em Deus. A propagação da sabedoria cristã é tudo um trabalho divino, como já falamos, porque só Deus sabe entrar no íntimo de cada um, iluminar as mentes com o esplendor da verdade, acender nos corações a chama da virtude e fornecer ao homem as energias necessárias para que possa abraçar e seguir aquilo que ele conhece como verdadeiro e bom. Se o Senhor não assistisse o Ministro, seria vãos todos os esforços. Apesar de tudo isto, seja empenhado no seu trabalho, confiando na ajuda da graça divina, que não é negada a quem a pede.

Não podemos deixar também de mencionar as mulheres que, desde o início do cristianismo, colaboraram eficazmente com os pregadores na difusão do Evangelho. São especialmente dignas de louvor aquelas virgens consagradas a Deus que se encontram em grande número nas Missões, dedicadas à educação das crianças ou a outras obras de piedade e de beneficência: queremos que essas encontrem neste louvor um novo encorajamento para auemntarem sempre mais o seu contributo em favor da Igreja. Por certo que a sua obra será tanto mais vantajosa quanto mais essas se empenhem na sua própria perfeição espiritual.

Agora dirigimo-nos a todos aqueles que, por grande misericórdia de Deus, estão já em posse da verdadeira fé e daí colhem imensos benefícios. Antes de mais nada devem ter em consideração a obrigação que lhe diz respeito na ajuda às Missões. Na verdade, Deus “mandou a cada um cuidar do seu próximo”(10). Quem tem mais necessidade da nossa ajuda fraterna dos que desconhecem Deus estando à mercê das mais desenfreadas paixões e sob a duríssima tirania do demónio? Por isso, todos aqueles que contribuem, segundo as suas próprias forças, para os iluminar, sobretudo ajudando à obra dos Missionários, entregam a Deus o testemunho mais agradável da sua gratidão por lhes ter dado o dom da fé.

São de três espécies as ajudas que se podem dar às Missões e que os Missionários não cessam de pedir: a primeira, que está ao dispor de todos, é de os confiar ao Senhor através da oração. Mais do que uma vez sublinhamos que a obra dos Missionários será estéril e vã se não for fecundada pela graça divina.

Como dizia de si mesmo S. Paulo: “eu plantei, Apolo regou mas foi Deus quem deu o crescimento” (11).

Para conseguir esta graça há somente um modo: a perseverança da oração humilde, como disse o Senhor: “pedindo qualquer coisa, não-de obtê-la de meu Pai”(12). Não há dúvida quanto à concretização desta oração, tratando-se de uma causa tão nobre e querida aos olhos de Deus. Por isso, assim como Moisés no alto do monte levantou as mãos ao céu e conseguiu a ajuda divina a favor dos israelitas que combatiam contra os amalecitas, assim também todos os cristãos, rezando, ajudam os pregadores do evangelho, enquanto estes trabalham na vinha do Senhor. Por esta razão foi instituído o “Apostolado da Oração”. Recomendamo-o vivamente a todos os fiéis, desejando que ninguém se recuse a fazer parte dele, mas que todos queiram participar, no mínimo com o coração, nas canseiras apostólicas.

Em segundo lugar, é necessário prover ao diminuto número de missionários. Já se havia sentido anteriormente mas é ainda maior depois da guerra. Várias partes da vinha do Senhor precisam de agricultores. Apelamos ao vosso cuidado, veneráveis irmãos: fareis o necessário, se estimulardes no clero e nos alunos do seminário diocesano a vocação para as Missões. Não vos deixeis enganar por alguma aparência de bem ou de considerações humanas, temendo que vos faça falta na vossa diocese o que dais às Missões. No lugar do um Missionário que deixais partir Deus suscitará mais sacerdotes que serão muito úteis à vossa diocese.

Exortamos também os Superiores das Ordens e Institutos Religiosos que se dedicam às Missões, para que a elas destinem os melhores alunos, ou seja os que pela santidade de vida, espírito de sacrifício e zelo pelas almas se apresentem verdadeiramente idóneos ao difícil ministério do apostolado.

E quando os superiores tenham conhecimento que os seus Missionários conseguiram felizmente trazer alguma população das superstições à sabedoria cristã e aí tenham fundado uma igreja estável, permitam que tais veteranos de Cristo sejam transferidos para resgatar um outro povo das mãos do diabo e deixem para outros – sem lamentação – a tarefa de fazer crescer e melhorar o que lhes tinha sido confiado por Cristo. Desse modo, enquanto contribuirão para ganhar uma grande quantidade de pessoas, atrairão também sobre as suas famílias religiosas os mais altos dons da bondade divina.

Para sustentar as Missões são necessários também muitos meios materiais, especialmente porque cresceram também muito as necessidades depois da guerra que devastou e destruiu escolas, lares, hospitais, dispensários e outras instituições de caridade. Apelamos veementemente a todos os pessoas de boa vontade que queiram ajudar neste

sentido. De facto, “se alguém possuir bens deste mundo e, vendo o seu irmão com necessidade, lhe fechar o seu coração, como é que o amor de Deus pode permanecer nele?” (13)

Assim falava o Apóstolo João daqueles que passam necessidades materiais. Quanto mais se deve prestar atenção à lei da caridade neste caso, tratando-se não só de socorrer uma infinita quantidade de gente que enfrenta a miséria e a fome, mas também e principalmente de resgatar uma multidão imensa da escravidão de satanás para conquistá-la para a liberdade dos filhos de Deus?

Desejamos assim que de modo particular sejam ajudadas - pela generosidade dos católicos - as obras que foram instituídas em favor das Missões:.

Em primeiro lugar a “obra da propagação da fé”, tantas vezes recomendada pelos nossos predecessores. Queremos que a Sagrada Congregação da Propaganda tenha particular cuidado com ela para que se tornem cada vez mais fecundas. Essa deve prover que as Missões já criadas e as outras que se deverão criar, sejam dotadas com os melhores meios. Confiamos que os católicos do mundo inteiro não permitam que enquanto outros dispõem de poderosos meios para espalhar o erro, os nossos – para difundir a verdade – tenham que lutar com indignidade.

Em segundo lugar, recomendamos vivamente a “obra da Santa Infância” que se propõe administrar o Batismo às crianças moribundas das Missões. Nesta obra podem participar também as nossas crianças que podem assim conhecer o quanto é inestimável o dom da fé e aprendam a levar o seu contributo juntamente com outros.

Não seja também esquecida a “obra de S. Pedro” que tem por finalidade a boa formação do Clero indígena das Missões.

Queremos também que tenham em atenção aquilo que foi prescrito pelo nosso antecessor Leão XIII: no dia da Epifania se recolham em todas as Igrejas do Mundo o óbolo “para regate dos escravos em África” e que o recolhido seja entregue à Sagrada Congregação da Propagação da fé.

Afim de que as nossas intenções se cumpram integralmente é necessário que vós, veneráveis irmãos, instruíam, de modo muito particular o vosso clero, em relação às Missões.

Geralmente os fiéis estão abertos e dispostos a socorrer a obra do apostolado; não deixeis perder estas boas intenções e cuidai de tirar o maior proveito para as Missões. Com este objetivo sabej que é nosso desejo que seja instituída em todas as dioceses católicas uma associação chamada

“União Missionária do Clero”. Queremos que essa esteja na dependência da Sagrada Congregação da Propagação da Fé, à qual já demos todas as faculdades necessárias.

Fundada em Itália, esta associação difundiu-se rapidamente em várias regiões. Como tem o nosso assentimento, já a dotamos de muitas indulgências. Mediante essa a ação do clero será sabiamente organizada quer a interesse dos fiéis pela conversão de tantos pagãos quer no desenvolvimento e difusão de todas as Obras já aprovadas da Sé Apostólica em benefício das Missões.

Eis, veneráveis irmãos, o que queríamos comunicar-vos em relação à propagação da fé em todo o mundo. Se todos fizerem o seu dever - como acreditamos -, os Missionários no campo de trabalho e os fiéis na sua pátria, podemos esperar que as Sagradas Missões, recuperadas dos graves prejuízos da guerra, possam novamente prosperar. O divino Mestre exorta-nos, como um dia a Pedro, com as palavras: “Faz-te ao largo”(14), com um grande ardor de caridade paterna nos impele a querer conduzir toda a humanidade ao abraço de Deus.

Com efeito, permanece vivo e poderoso o Espírito de Deus na Igreja e não pode ser estéril o zelo de tantos apóstolos que trabalharam e trabalham ainda por dilatar os limites da Igreja. Estimulados pelo seu exemplo, surgirão fileiras de missionários que, amparados pelas orações e pela generosidade de boas pessoas, conquistarão muitos outros para Cristo.

Que a Mãe de Deus, Rainha dos Apóstolos nos acompanhe e obtenha o Espírito Santo para os anunciadores do Evangelho. Com a Sua proteção e como garantia de paterna bondade, vos concedemos a vós, veneráveis irmãos, ao vosso clero e ao vosso povo a bênção apostólica.

*Roma, 30 de novembro de 1919,
sexto ano do nosso Pontificado*

Bento XV

NOTAS

1. Mc 16, 15.
2. Ibid., 20.
3. Sl. 18, 5.
4. Filip 1, 18.
5. Ps 44, 11.
6. Colos. 3, 11.
7. 1Tim. 6, 8.
8. Col. 3, 12.
9. Sab. 12, 1, 2, 18.
10. Ecl., 18, 12.
11. 1 Cor. 3, 6.
12. Mt. 18, 19.
13. 1Jo. 3, 17.
14. Lc. 5, 4.